

Karingana wa karingana – era uma vez uma contadora de histórias: uma análise de O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane¹

Luciana Alves dos Santos
Mestre em literatura e crítica literária - PUC / SP

Resumo: A autora Paulina Chiziane apresenta-se como contadora de histórias evidenciando em suas narrativas a figura feminina. Nesse sentido, o presente artigo consiste em analisar a obra **O alegre canto da perdiz** sob esta ótica: da contadora e da mulher presentificadas na obra. Em outro plano, a própria nação moçambicana é colocada em foco sendo possível de ser relacionada simbolicamente à personagem Delfina.

Palavras-chave: Paulina Chiziane, contação de histórias, feminino

Abstract: The author Paulina Chiziane presents herself as a recounter of stories rather than an author, highlighting in her narratives the female figure. In this sense, this article consists of analyzing the play **The Happy Song Of The Partridge** from the perspective of an Accountant and his female colleague. On another level, Chiziane's story brings the Mozambican nation into focus symbolised by the Delfina character.

Keywords: Paulina Chiziane, recounter of stories, female

¹ Trabalho realizado no âmbito do Curso Introdução à Literatura Moçambicana, oferecido pela Revista África e Africanidades, abril-jul/ 2018.

“Antes eu contava histórias para mudar o mundo. Agora conto para que o mundo não me mude.” (Walter Diaz Ovalle)

Paulina Chiziane, apesar de ter escrito inúmeros romances como *Balada de amor ao vento* (1990); *Ventos do apocalipse* (1992); *O sétimo juramento* (2000); *Niketché* (2002) e *O alegre canto da perdiz* (2008), insiste em evitar denominações restritivas como a de romancista, assim como a de feminista, buscando em sua trajetória poética a liberdade de criação.

Nesse sentido, auto designa-se contadora de histórias, principalmente porque sua formação humana se deu no contato com os mais velhos (tradição) e com as histórias contadas por eles.

“As minhas memórias mais remotas são das noites frias à volta da lareira, ouvindo histórias da avó materna. Nas histórias onde havia mulheres, elas eram de dois tipos: uma com boas qualidades, bondosa, submissa, obediente, não feiticeira. Outra era má, feiticeira, rebelde, desobediente, preguiçosa. A primeira era recompensada com um casamento feliz e cheio de filhos; a última era repudiada pelo marido, ou ficava estéril e solteirona.” (2013, p. 201).

Conforme o relato da autora, a voz mais significativa em sua formação é a da avó – contadora de histórias e mulher. Inevitavelmente são estas vozes que ecoam em sua obra poética. Neste artigo, portanto, destacamos estes dois aspectos em **O alegre canto da perdiz**, romance publicado em 2008.

Na cena inicial desta obra, mulheres se veem indignadas pela presença de uma mulher nua no lado do rio destinado aos homens e a agridem.

“Um grito colectivo. Um refrão.

Há uma mulher nua nas margens do rio Licungo. Do lado dos homens.

- Ah?

Há uma mulher na solidão das águas do rio. Parece que escuta o silêncio dos peixes. Uma mulher jovem. Bela e reluzente como uma escultura maconde. De olhos pregados no céu, parece até que aguarda algum mistério.

Uma mulher negra, tão negra como as esculturas de pau-preto. Negra pura, tatuada, no ventre, nas coxas, nos ombros. Nua, assim, completa. Ancas. Cintura. Umbigo. Ventre. Mamilos. Ombros. Tudo à mostra.” (CHIZIANE, 2008, p. 9).

Atordoadas, as mulheres se dirigem a uma outra enigmática personagem feminina: “A senhora que conhece os segredos deste e de outro mundo, os caminhos do além, os detalhes do mistério do horizonte, acuda-nos.” (Idem, 2008, p. 17)

Esta personagem nada mais é que uma contadora de histórias.

“A velha senhora era uma exímia contadora de histórias. Ela sabe as circunstâncias exactas em que se deve usar uma imagem e outra. O que deve ser omitido e o que deve ser dito. Os momentos que marcam e os momentos de pausa. A beleza da história depende da tonalidade da voz, dos gestos da contadora. Contar uma história significa levar as mentes no voo da imaginação e trazê-la de volta ao mundo da reflexão. Por isso impõe uma pausa. E suspense.” (Idem, 2008, p. 21)

A contadora de histórias vem em socorro das mulheres, que se veem desorientadas, contando justamente uma história, isto porque as narrativas são ordenadoras do caos.

“- Ah, grande mãe, conta, termina esse conto, tão bonito!

- Pronto, já que me pedem, termino. Os homens invadiram o nosso mundo – dizia ela – roubaram-nos o fogo e o milho, e colocaram-nos num lugar de submissão. Enganaram-nos com aquela linguagem de amor e de paixão, mas usurparam o poder que era nosso. Uma mulher nua do lado dos homens? Ó gente, ela veio de um reino antigo para resgatar o nosso poder usurpado. Trazia de novo o sonho da liberdade. Não a deviam ter maltratado e nem expulsado à pedrada.” (idem, 2008, p. 21-22)

Conforme Clarissa Pinkola Estés, em **Mulheres que correm com os lobos**:

“Se uma história é uma semente, então nós somos seu solo... Num sentido muito real, ficamos impregnadas de conhecimento só por termos dado ouvidos ao conto. Entre os junguianos, isso se chama ‘mística da participação’... Entre os freudianos, é uma atitude chamada de ‘identificação projetiva’... Entre os contadores de histórias, ela é chamada de magia solidária’...” (ESTÉS, 1994, p. 478).

Para Estés (1994), as mulheres modernas perderam a essência da alma feminina transformando-se em uma espécie de “animal doméstico” e propõe o resgate do que ela chama de “Mulher selvagem”. Para a autora, essa mulher não consegue vicejar quando é forçada a se moldar conforme paradigmas impostos pela sociedade dominada por homens. Essa mulher só viceja em sua própria

natureza, em liberdade. Nesse sentido, a personagem nua, assim como a contadora de histórias, vem em resgate da mulher selvagem.

Ao designar-se como contadora, Paulina não só foge de rotulações que aprisionam, conforme relata em diversas entrevistas, mas também revela o que a também contadora de histórias e psicóloga Clarisse Pinkola Estés discute em suas obras: “Os contos de fadas, os mitos e as histórias proporcionam uma compreensão que aguça nosso olhar para que possamos escolher o caminho deixado pela natureza selvagem.” (ESTÉS, 1994, p. 19).

Conforme Paulina, “Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas ideias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade.” (2013, p. 200)

A personagem feminina nua do outro lado do rio representa a mulher selvagem que clama por sua liberdade instintiva enquanto as mulheres que a agridem representam a figura feminina moldada pela sociedade patriarcal. É colocada em cheque, portanto, a figura da mulher e seus dilemas entre a submissão e a transgressão.

As mulheres ainda desnorteadas questionam a presença da mulher selvagem: “- Aquela mulher nua nas margens do rio. Parecia uma deusa, ou um demônio!” (CHIZIANE, 2008, p.17)

Simone de Beauvoir, em **O segundo sexo**, compara as mulheres às deusas:

“Ela é ora esteatopígica e acocorada, ora mais esbelta e de pé, por vezes vestida e por vezes nua (...) Manifesta-se nas montanhas, nas florestas, no mar, nas fontes. (...) Caprichosa, luxuriante, cruel como a Natureza. (...)a mulher acha-se, em terra, cercada de tabus como todos os seres sagrados; ela própria é tabu. Em virtude dos poderes que detém olham-na como feiticeira, como mágica; associam-na às preces, torna-se às vezes sacerdotisa como as druidesas entre os antigos celtas...” (2009, p. 109)

Entretanto, Beauvoir acrescenta: “Mas, em verdade, essa idade de ouro da mulher não passa de um mito. A sociedade sempre foi masculina...” (2009, p. 110). O que vai ao encontro de mais uma história contada dentro da obra **O alegre canto da perdiz**, que se vê permeada de “interrupções” para o relato

dessas contações. Recurso também usado em outras obras da autora como em Ventos do apocalipse.

“No princípio dos princípios, o mundo era só de mulheres. Elas lavravam, caçavam, construíam e a vida florescia. (...) Um dia, uma das mulheres caçou um ser estranho. Parecia gente, mas não tinha mamas. (...) O animal tinha magia. Só o olhar dele provocava umas massagens concêntricas no coração, no peito, na mente. Quando lhe tocava, o sangue corria e o coração batia. A rainha deu por si a executar a dança da lua e da cobra com os lábios suspirando poemas nunca antes recitados. (...) A rainha estremeceu e rendeu-se. Soltou o primeiro suspiro de amor e descobriu que o animal era, afinal, um homem. (...) Os homens vieram, colonizaram todas as mulheres e instalaram-se como senhores. Foi assim que surgiu o primeiro amor e o primeiro ódio. (...) Com violência, os homens mantêm as mulheres fiéis à paulada. A violência é produto do patriarcado, porque os homens roubaram o poder às mulheres.” (CHIZIANE, 2008, p. 138)

No desenrolar da tessitura do romance, começamos a saber quem era a mulher nua e sua história. Temos, então, a saga de uma família.

As personagens centrais do romance são três mulheres: Delfina, Maria das Dores (a mulher nua) e Maria Jacinta. Delfina apresenta três relacionamentos simbólicos na obra. Primeiro com José dos Montes (negro) que se torna um assimilado cruel tentando saciar as vontades da esposa. Delfina sempre ouvia de sua mãe: “Melhora tua raça, minha Delfina”. Ouvindo, portanto, a voz da mãe e de sua vaidade, abandona-o. O segundo relacionamento, fruto de feitiços, foi com Soares (português). Delfina teve filhos com o primeiro e com o segundo, mantendo em sua casa uma hierarquia racial. Os mais claros frequentavam a escola e podiam brincar enquanto os mais escuros faziam as tarefas da casa. A mãe dizia que era assim que deveria ser.

Este contraste é revelado, principalmente, na relação entre as irmãs Maria das Dores (negra) e Jacinta (mestiça). Percebemos, portanto, que a obra se constitui sobre o feminino.

Jacinta, por ser mestiça, se percebe no espaço entre. Não era aceita entre os colegas de escola brancos porque sabiam de sua origem negra, mas também não podia brincar com os irmãos negros, pois sua mãe não deixava. Tanto Maria das Dores quanto Jacinta sofrem por suas condições relacionadas a cor e gênero.

Delfina alcança o que tinha almejado. Tem uma casa respeitada, um marido branco, filhos na escola (os filhos de Soares). Entretanto, o que veio com feitiço também se vai. Delfina aprende esta lição e começa sua derrocada. Sem como alimentar seus luxos e vícios, assim como sua mãe fizera com ela, Delfina vende sua filha Maria das Dores para o feiticeiro que era seu amante e cúmplice.

“Ali estava Simba, vitorioso. Com ar profético. Poético. (...) Ali estava Maria das Dores, entregue ao desconhecido. Palavras como vergonha, dor, consciência, são pedras mortas de significado na boca de sua mãe e desse Simba que ela mal conhece. Reconhece o abismo em que se encontra mergulhada e recorda os únicos momentos felizes desenhados no rosto da sua boneca. Nos cabelos de Jacinta (sua irmã de pele clara e cabelo liso). Nos braços do seu pai negro e no sorriso do seu pai branco.” (CHIZIANE, 2008, p. 285)

Delfina representa a própria nação moçambicana. Esta mãe pátria que desde cedo precisou se prostituir, se vender para o estranho. Moçambique nunca foi uma nação independente, sempre constituída e dominada pelo outro. Nascida assim, também aprendeu a barganhar com seus filhos.

Após entregar a filha negra ao amante (feiticeiro), Delfina se vê diante da filha mestiça (Jacinta) que a interpela sobre o paradeiro da irmã Maria das Dores.

“- Ah, minha Jacinta, dei por ti o melhor de mim. Há coisas que ainda não entendes, ainda és criança.

- Sou criança, sim. Por isso andavas comigo ao colo, exibindo-me como um troféu às tuas amigas. Achas que sou feliz? Usaste a minha imagem para humilhar os meus irmãos mais escuros do que eu. Pensas que gosto?

Delfina fora sempre guerreira, vencera todos os combates, dominara o mundo e os homens, mas nunca se preparara para a luta contra a própria filha.

(...)

- Filha, eu errei, sei disso. Na minha mente a fórmula era: que o preto morra para que o branco viva. Nunca perceberás isso, Jacinta, o teu mundo é outro.

(...)

- O sacrifício da Maria das Dores foi por ti, para que não sofras.”

(CHIZIANE, 2008, 290)

O processo de colonização retira, de forma violenta, a identidade do povo dominado impondo uma nova realidade cultural e social. Ao passar do tempo, esta vivência se torna a aceitável. Delfina aprende, após uma situação de violência, a desejar a vida do colonizador. Para isso, se livra daquilo que a prende

à sua realidade anterior (representada aqui pelo casamento com o negro José dos Montes e seu fruto – Maria das Dores), exaltando e exibindo aquilo que a aproxima da nova realidade (marido português e filhos mestiços).

Jacinta não se conforma com o pensamento da mãe e resolve procurar pela irmã pedindo ajuda a sociedade que a cerca, entretanto não consegue apoio, pois todos argumentam que já não é pura, que não é respeitável para a sociedade: “A ti tiraram a existência, a vida e o sonho, ninguém te acode e todos dizem que não vale a pena.” (CHIZIANE, 2008, p. 292) A irmã de Maria das Dores, portanto, indaga: “Por que não nos fizeste iguais, mãe? Por que não nos fizeste todos pretos ou todos mulatos? Por que ergueste tu esta divisão e esta fronteira?” (Idem. p. 292)

Mais uma vez percebemos a relação entre a mãe (Delfina) e a nação (Moçambique) estabelecida na obra, ou seja, a invocação da mulher moçambicana como espaço de mobilização coletiva. Uma mãe/ nação que gerou filhos tão distintos e que ajudou a impor a diferença entre eles. “Delfina não odiava Maria das Dores. Nem se odiava. Odiava o mundo. O regime. Odiava as diferenças, que criavam senhores e escravos.” (Idem, p. 292). Mesmo odiando o regime, a mãe / nação se curva a ele, reafirmando-o. O grande paradoxo moçambicano.

Após um longo percurso narrativo sobre as peripécias de Delfina, temos notícias de Maria das Dores. Está vivendo um casamento polígamo com Simba que aos poucos vai enlouquecendo-a com substâncias químicas. Nessa altura, é mãe de três filhos apesar de seus dezoito anos. Maria das Dores percebe sua condição e resolve partir: “Tenho que encontrar o meu lugar, o meu abrigo, onde possa acender a fogueira e contar belas histórias aos meus pequenos, bem longe deste lugar.” (CHIZIANE, 2008, p. 304)

Ela parte com seus três filhos ainda pequenos, mas desfalece de fome e de cansaço devido a fuga. É socorrida por freiras que acabam por cuidar de seus filhos, enquanto Maria prossegue sua busca. Entre a sabedoria e a loucura “Ela saberá decifrar com quantas linhas se traçam as fronteiras do mundo, com

quantas pessoas se faz um país e com quantas raças se constrói uma nação.”
(Idem, 2008, p. 308)

Retornamos então ao início da narrativa. Maria das Dores, vinte anos depois da fuga, é a mulher nua em busca da mulher selvagem, livre dos aprisionamentos sociais que impõe à mulher aceitar a violência que lhe é destinada. Ao escolher o lugar de destino, ouve o instinto da Mulher Selvagem: “Então recorda todos os mitos dos montes santos que atraem todas as almas na hora sagrada. Começa a sonhar com o coração das pedras. No túmulo das pedras. E sente o chamamento dos Montes Namuli correndo nas veias.” (idem. p, 304-305)

Quanto a Jacinta, segue sem querer o destino traçado pela mãe. Casa-se com um homem branco, renegando definitivamente seu passado, sua cor e sua família. No dia de seu casamento, sua mãe a prestigia no fundo da igreja, mas é humilhada pela filha. Jacinta aprendeu desde pequena, pela mãe, que a humanidade tem raças, que por sua vez tem estigmas. Por isso, agora a filha lhe demonstrava todo o ódio por suas origens, rompendo, dessa forma, com seu passado. “A guerra antiga continua acesa e o regresso de Maria das Dores é a única medida de reconciliação.” (p. 313). Enquanto os filhos estiverem dispersos, não há paz na família / nação.

Nesse momento, de impasse entre mãe e filha, Delfina apresenta, enfim, alguma consciência:

“Começa então a compreender o que antes não vira. Que só um camaleão muda de cor. Que o negro é sempre negro e deve aprender o orgulho de sê-lo. Começa a perceber as mensagens de resistência nas greves dos palmares. Não se pode ser preto e ser branco ao mesmo tempo. Recorda-se das canções de revolta. A terra era minha e roubaram-na. O corpo era meu e usaram-no. Esta noiva é minha filha e ma roubam. Ah, se eu fosse mais nova empunharia uma arma e lutaria pela minha dignidade e por tudo o que me tiraram.” (CHIZIANE, 2008, p. 315).

A partir daí, toda a esperança de unidade se faz no regresso da filha rejeitada: “Delfina tem sempre a mesma rotina. Despertar, varrer a casa e o quintal para estar tudo em ordem quando José dos Montes chegar. Arrumar os

brinquedos para estar tudo em ordem no dia em que Maria das Dores voltar.” (CHIZIANE, 2008, p. 328).

No capítulo 31, A personagem Delfina participa de uma marcha do dia nacional da mulher. Durante a marcha, em que mulheres reclamam a liberdade perdida, Delfina pensa não somente em Maria das Dores, em tudo que lhe foi tirado, mas também em todas as mulheres. “São elas a cantar os sonhos que lhes roubei, a vida que lhes tirei.” (Idem, 2008, p. 329)

O retorno de Maria das Dores se faz de forma inesperada, em meio a sua loucura adentra a aldeia e se aloja na casa do padre. Vê na parede um Cristo negro que a deixa intrigada e que fala com ela, concedendo-lhe um desejo. Então Maria, finalmente, fala sobre si, sobre seus filhos. Ali estão presentes três homens: o padre, o médico e Cristo negro. Após um clarão, a loucura deixa seu corpo ficando somente ela e os dois homens. Tudo é revelado então. O médico e o padre são seus filhos perdidos.

Maria conta então sua história: “Histórias de pretos, brancos, mestiços debaixo do mesmo teto, residentes do mesmo ventre.” (Idem, 2008, p. 337). A história da família de Delfina, mais uma vez, confunde-se com a história de Moçambique. E o encontro vai se fazendo. O cozinheiro se mostra apresentando-se como José dos Montes, pai de Maria das Dores. Também Simba é chamado.

“Três gerações sonhando com o mesmo monte. Buscando-se eternamente. Estilhaços de um vidro que se apanham, que se colam e se enforma numa bilha nova, refractária, fraca, que já não pode conter água mas ornamenta o centro de uma mesa. Buscando a identidade roubada pelo bico de um abutre.” (Idem, 2008, p. 340-341)

Quem vai ao encontro de Delfina é José dos Montes, o primeiro marido, o negro, o verdadeiro amor. Após Delfina o expulsar para dormir com os brancos em troca de conforto, é ele quem restitui sua realeza: “Ela é uma rainha. Sempre foi. Guerras, mágoas, vaidades, roubaram-lhe a realeza por algum tempo. Mas ganhou novas asas.” (Idem, 2008, p. 344)

José dos Montes mergulha na memória e em tudo que foi capaz de fazer para agradar Delfina e suas vaidades, para depois ainda perde-la. “Aquele baioneta recorda-lhe todos os seus atos. Queimar o cereal de seu próprio celeiro. Matar o pai ou a mãe para agradar ao patrão. Caçar gente para deportar ou vender. (...) Aquele baioneta o tornou conhecido como o matador de negros.” (Idem, 2008, p. 346)

Mas apesar das mágoas, eles partem juntos ao reencontro da filha primogênita. Daquela que vai restaurar o que foi perdido ou o que ainda nunca houve: criar enfim uma família / nação.

O reencontro se faz. “O mundo inteiro assiste à perfeita imagem do renascimento. Uma mãe dando à luz uma filha nova no corpo antigo. Uma filha dando forma e sentido à existência errante de uma mãe.” (Idem, 2008, p. 352)

Delfina olha pela primeira vez para a filha e reconhece nela a mulher selvagem:

“És de nós a mais livre, a mais próxima da criação. Ou do criador. Não temias a morte nem a noite. Nos dias quentes te despias e caminhavas nua na inocência das crianças. Tentaste explicar o teu dilema e o fazias na linguagem dos anjos, por isso o mundo não te entendia.” (Idem, 2008, p. 352)

Maria das Dores responde à mãe que estava maluca, mas essa lhe explica que nunca esteve, mas que foi vítima da loucura da fome, da vitória e da guerra, da hierarquia entre raças, da imoralidade social, da união e da ruptura, ou seja, vítima de tudo aquilo que os conflitos dentro da família / nação lhe sujeitaram.

Maria Jacinta retorna também às suas origens, mas principalmente, retorna para entregar a quem de direito sua herança: “Esta é a minha terra. Aqui é o meu céu e este o chão dos meus antepassados! Vim também em nome do meu pai. Para recuperar toda a herança usurpada e deixá-la nas mãos de Maria das Dores, sua legítima proprietária.” (Idem, 2008, p. 356)

Ao se reunirem em festividade, José dos Montes toma a voz do contador de histórias e narra um mito cosmogâmico em que o mundo se forma do ovo de

uma perdiz nos Montes Namuli. Aos nascer, a perdiz voa e coloniza a terra inteira. Dessa forma, todas as raças surgem em África. A perdiz, presente no título da obra, representa, portanto, a (re)criação de Moçambique.

Na voz de José dos Montes há absolvição de Delfina: “- A culpa não foi nada tua, Delfina. Fomos um homem e uma mulher na construção do mundo. Eu e tu assimilados. Voluntários servidores do regime. Lacaio. Matamos e morremos. (...) Queremos agora celebrar a reunificação da família.” (Idem, 2008, p. 364)

Temos em seguida, na voz do narrador, uma reflexão sobre as consequências do pós-colonialismo: “Trinta anos de independência e as coisas voltam para trás. Os filhos dos assimilados ressurgem violentos e ostentam ao mundo o orgulho de sua casta. O colonialismo já não é estrangeiro, tornou-se negro, mudou de sexo e tornou-se mulher.” (Idem, 2008, p. 367)

Reflexão da qual José dos Montes e Delfina participam revendo suas ações. José dos Montes lamenta não ter lutado por sua terra, mas contra ela. Mas continua em sua absolvição a Delfina: “- Neste aspecto, Delfina, foste a pioneira. A Zambézia inteira devia erguer monumentos a mulheres como tu, que deram a sua vida e o seu sangue para o nascimento desta nova nação.” (Idem, 2008, p. 367)

Finaliza, dessa forma, fazendo uma profecia: “No final desta guerra seremos um. Esses filhos metade pretos, metade brancos, metade asiáticos, serão os fósseis a partir dos quais se compreenderá a nossa História. Nas próximas gerações as raças se amarão, sem ódio nem raivas, inspiradas no nosso exemplo.” (Idem, 2008, p. 368)

Percebe-se, portanto, que Paulina revela, por meio de suas personagens em **O alegre canto da perdiz**, algumas vozes abafadas por processos de opressão: vozes da mulher, do negro, do colonizado, retratando-os em seus conflitos paradoxais que se faz entre vítimas e opressores de si. Consequentemente, evidencia uma Moçambique dividida por seus próprios filhos.

Entretanto, a obra se mostra otimista em relação ao legado das novas gerações e aponta para a importância do papel do contador de histórias que mantém o “passado e o presente beijando-se nas invisíveis fronteiras do futuro.”

REFERÊNCIAS:

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher...** por uma nova visão do mundo. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, v. 5, n. 10, abr. 2013.

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.